

PISTA

PISTA.

PISTA

PISTA

PISTA

PISTA

PIST.

Relatório
Fórum cultura
Representatividade Negra
Nas Artes Performativas

FÓRUM CULTURA

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS ARTES PERFORMATIVAS

Coordenação, Moderação e Relatório: Raquel Lima

Este relatório resume os principais pontos discutidos no Fórum Cultura: Representatividade Negra nas Artes Performativas que decorreu online no dia 16 de janeiro de 2021, com enfoque especial nas conclusões consensuais do grupo assim como as propostas para compromissos futuros no âmbito deste tema por parte de diferentes profissionais da cultura e/ou as estruturas que representam.

Vídeo e mais informações sobre o Fórum Cultura em alkantara.pt e no Facebook do [Pólo Cultural das Gaivotas | Boavista](#).

O Fórum Cultura: Representatividade Negra nas Artes Performativas é parte integrante do PISTA, um programa modular de formação e de fóruns, com vista ao desenvolvimento e atualização de competências profissionais, à partilha de boas práticas e à discussão pública de temas e tópicos chave para o desenvolvimento profissional de agentes culturais.

PISTA é promovido pelo Alkantara e pelo Polo Cultural Gaivotas | Boavista/Loja Lisboa Cultura (integrado no seu plano de formação para agentes culturais).

Nota: De forma a tornar a linguagem deste relatório mais inclusiva a autora optou por substituir o termo negros/as para negres

PROPOSTAS DE PESSOAS NEGRAS PROFISSIONAIS DA CULTURA

Participantes:

Ana Tica (Agente cultural/Ativista), Anabela Rodrigues (Artista/GTOLX), Cleo Tavares (Artista), David Amado (Coreógrafo/Pedagogo de Dança Clássica/Cineasta - Jazzy Dance Studios/ILGA Portugal), Isabel Zuáa (Artista), José Lino (Batoto Yetu Portugal), Kitty Furtado (Investigadora e membro do NARP – Núcleo Anti-Racista do Porto), Marco Mendonça (Ator), Melissa Rodrigues (Performer/Arte-educadora), Nádia Yracema (Artista), Paulo Pascoal (Ator), Piny (Bailarina e criadora) e Vânia Vaz (Intérprete-criadora de dança).

Auto-análise:

Existe uma recorrente descredibilização da arte produzida por pessoas negras por parte das instituições estatais e estruturas artísticas, que implica o questionamento do imaginário colonial coletivo, do ideal da meritocracia, dos mecanismos da tokenização e do sistema de privilégios que sustém e constitui a normatividade da branquitude, reconhecendo que essa dinâmica fecha as portas a pessoas negras profissionais do setor que ficam condicionadas a construir percursos alternativos e muitas vezes condenadas a uma condição de amadorismo não financiável, com poucos recursos que não geram sobrevivência e reconhecimento e nem contribuem para quebrar os ciclos geracionais de desigualdade racial.

Medidas concretas:

- Atendendo aos pilares que enquadram a Década de Afrodescendentes - reconhecimento, justiça, desenvolvimento e discriminação múltipla ou agravada de pessoas de descendência africana – é importante tornar o problema visível antes de formular medidas. Nesse sentido, poderíamos partir de dois movimentos:

1) Auto mapeamento interativo de artistas e agentes culturais, pessoas responsáveis nas áreas de direção artística, técnica, curadoria, pesquisa e outras que abrangem pessoas negras profissionais das artes em Portugal. Esse mapa nomearia os profissionais, mas também disponibilizaria os seus contactos, artigos académicos, de opinião, entrevistas, eventos, entre outras informações úteis;

2) Projeto piloto de revisionismo com algumas estruturas artísticas públicas que fariam uma revisão daquilo que tem sido a sua programação e equipas no que diz respeito ao número de pessoas não-brancas que estiverem efetivamente em colaborações. A disseminação dessas estatísticas é fundamental, uma vez que o levantamento de dados étnico-raciais pelas instituições poderia ser decretado pela DGArtes para que constem nos seus

relatórios públicos e anuais, para posterior formulação e aplicação de políticas para a igualdade com mais rigor e transparência.

- Criação de uma linha de apoio permanente, imediata e específica para artistas negres que já estão a trabalhar no sector.
- Criação de uma plataforma nacional independente de pessoas negras, com legitimidade para ter acesso a fundos públicos no âmbito da programação cultural, mas também consultora dos organismos públicos de cultura, que deve ser ouvida para a elaboração de políticas públicas de cultura que garantam uma representatividade efetiva.
- Combate ao racismo de forma orçamentada e transversalmente entre os ministérios. A intersecção entre Ministério da Educação e Ministério da Cultura é essencial porque quando se trata de discriminação e invisibilidade é importante falar dos temas desde a infância. O Plano Nacional das Artes, apesar de chegar a várias escolas, tem uma mínima diversidade e representatividade não-branca na sua formação e referências, e não sabemos quantos artistas negres trabalham nesse âmbito.
- Investimento na arte-educação para formação de profissionais que sejam artistas das periferias ou que já trabalhem nesses territórios. Criação de apoios públicos para que deem continuidade ao trabalho que já desenvolvem na formação das crianças das comunidades negras.
- Reflexão séria sobre o passado colonial português que passe pela revisão/atualização dos planos curriculares de escolas artísticas (nomeadamente Escola Superior de Dança e Escola Superior de Teatro e Cinema), em que se promova o questionamento dos cânones artísticos e dos palcos convencionais, para que se criem contra esferas públicas e se analisem a forma como determinadas linguagens e narrativas são sistematicamente excluídas.
- Além do Ministério da Educação, considerar o combate ao racismo nas artes de forma articulada com outros Ministérios, nomeadamente o do Trabalho, o da Ciência e Tecnologia, o da Economia, o da Justiça, entre outros. Só é possível um combate ao racismo eficaz se ele estiver contemplado no orçamento de Estado de forma transversal às diferentes áreas da sociedade.
- Implementação de medidas (cotas raciais, fatores de majoração, prioridades estratégicas ou critérios de desempate) que garantam que a diversidade racial de Portugal esteja refletida nos apoios às artes e nos palcos de forma constante e permanente, e que não se cinja a que uma minoria seja incluída para dar a ilusão de diversidade e igualdade, sem considerar as

diferenças estruturais a que a maioria da população negra está sujeita.

- Presença de pessoas negras no júri dos concursos, enquanto órgãos de escolha e decisão; nas equipas de programação dos teatros; nas direções das escolas profissionais; nos corpos docentes das escolas artísticas. A representatividade deve ser garantida nos lugares de tomada de decisão, fazendo parte dos núcleos densos de órgãos de estado e instituições, e outros intervenientes que trabalhem os modelos de apoio às artes e à cultura.
- Cotas raciais e transparência na contratação pública para o exercício de funções afetas à DGArtes/Ministério da Cultura, entidades municipais (bibliotecas, teatros, galerias, museus) e espaços culturais públicos e privados, para que as suas equipas sejam multirraciais. Esta medida implica uma formação séria e interna do sector e da sociedade para que possa acontecer de forma orgânica e plena e transversalmente pelo país.
- Apesar dos obstáculos e burocracias da contratação pública, existe na lei a figura do mediador, que foi ativada durante muitos anos nas escolas e depois foi entrando em alguns departamentos públicos como hospitais, SEF, etc., e que pode colmatar a necessidade de mais pessoas negras na administração e função públicas, através da contratação de profissionais da mediação cultural segmentada a esse público específico.
- Cedência de palcos, espaços de ensaio e treino para artistas negres, culturas não dominantes, e expressões artísticas como danças de rua, Hip hop e clubbing, nas quais os artistas negres não estão sub-representados. Apoio para o trabalho imenso que já tem vindo a ser realizado nessa área como festivais, battles, mostras, cursos e formações; Respeito pela arte criada na periferia, feita como na origem e não branqueada e apropriada por processos de tokenização.
- Criação de políticas de interação entre centro e periferia, não só periferia urbana, mas corpos periféricos também. Isto é, os projetos na periferia têm que ser pensados e desenvolvidos com pessoas da comunidade e não numa lógica de captação de parcerias de forma inorgânica. O envolvimento de profissionais negres tem que ser estabelecido desde o início do desenho dos projetos e antes das candidaturas, e este aspeto implica uma reformulação dos editais no sentido de não exigirem apenas a presença de pessoas negras ou temáticas relacionadas, mas exigirem a sua integração nas equipas, a longo prazo.
- Financiamento de formações artísticas focalizadas para comunidades negras, mas que incluam várias expressões artísticas, evitando estereótipos impostos sobre a fruição e criação de arte por parte dessas comunidades.

- Simplificação e revisão dos concursos para apoios tendo em conta características territoriais específicas, em termos da linguagem, formatos, requisitos, fronteiras entre amadorismo e profissionalismo, entre outros aspetos.
- Políticas de ação afirmativa que considerem a interseccionalidade das opressões, nomeadamente as contingências de pessoas negras que estejam em irregularidade legal ou em processos burocráticos de legalização, devido ao seu estatuto migratório, que impede o acesso a bolsas, programas e residências artísticas; pessoas que pertençam a outros grupos minoritários, nomeadamente LGBTQI+; pessoas que habitem espaços periféricos afastados dos principais centros de fruição artística; pessoas de classes mais baixas sem recursos para garantir a sua educação e formação artísticas, etc.
- Criação de bolsas e laboratórios para artistas e especialistas em curadoria negras e fortalecimento de redes de promoção de artistas e produtores negres, para que se efetivem políticas emergentes que combatam preconceitos sobre as vivências, experiências e diversidade das pessoas negras e promovam dramaturgias, narrativas e discursos invisibilizados.
- Investimento financeiro: importância da disponibilização de recursos materiais e humanos para que se dediquem a estas questões, vocacionados para associações, coletivos e academia no sentido de apoiar a sua criação e pesquisa, garantindo o seu cumprimento a curto, médio e longo prazo.
- Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024): criação de uma equipa composta por pessoas negras que possa trabalhar o assunto em articulação com as entidades municipais e estatais presentes (CML e DGArtes) de forma a fomentar concursos dignos em torno dessa data.
- Reforço de parcerias para o trabalho das culturas africanas (p.e. dança e música) por escolas artísticas como atividade física, de recuperação motora e psicológica, de empatia e de autoestima, não apenas de forma pontual, mas de forma permanente e regular para que seja uma fonte de empregabilidade.
- Proporcionar geminações com cidades onde existam boas práticas a este nível das políticas de ação afirmativa: Lisboa - Nova York, Lisboa - Londres, Lisboa - São Paulo, para aprendermos com modelos positivos internacionais, não repetir erros internamente e estarmos mais capacitados para a aplicação destas políticas.

- Criação de pontes mais diretas a financiamentos europeus para este público específico negro, para não estrangular o sector cultural que já se encontra fragilizado economicamente. O estabelecimento de parcerias para novas linhas de apoio financeiro e apoio de capacitação/formação do sector em torno destes temas.
- Atenção ao modelo inglês (Arts British Council) para pensar a reconfiguração do modelo de apoio às artes português, entre outros exemplos internacionais.
- Cedência e/ou ocupação de espaços municipais/públicos para gestão de/por profissionais negres.

PROPOSTAS ALKANTARA

Participantes:

Carla Nobre Sousa e David Cabecinha

Apresentação:

Começa um novo ciclo de atividades do Alkantara e estão num momento interno de tomada de decisão, autoavaliação, recolha de exemplos e boas práticas, para inscrição de ações específicas: programas e políticas que determinem o futuro da estrutura.

Autoanálise:

Nas 16 edições dos festivais Danças na Cidade e Alkantara Festival, 5 não tiveram qualquer obra por pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras; nas restantes 11 edições apresentaram-se entre 1 e 4 obras criadas por pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras; ao todo contabilizam-se 291 obras apresentadas por 194 artistas ou coletivos. Destas, 28 obras (aproximadamente 10%) foram criadas por 15 pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras (8%). Três destas pessoas são Portuguesas e/ou vivem em Portugal atualmente. Não existe nenhuma pessoa negra na equipa.

Medidas concretas

- Importância da sistematização da recolha de dados étnico-raciais a partir de um exercício de autonomação pessoal de artistas e profissionais com quem colaboram. Essa ferramenta pode conferir rigor nas conversas sobre parcerias, financiamentos e colaborações futuras.
- Ocupações / take-overs de um período de tempo em que a equipa garante uma administração do espaço, mas conteúdos, gestão do orçamento, programação e ocupação do espaço são dadas a outro coletivo ou grupo de pessoas;
- Laboratórios de criação orientado por/com participantes negres;
- Formação antirracista interna da equipa e do sector cultural com conteúdos que deem ferramentas a artistas e estruturas sobre como implementar novas políticas neste âmbito, beneficiando assim não só o trabalho do alkantara mas dos colegas.
- Inscrição e enunciação de objetivos concretos que não dependam da

sensibilidade das equipas, mas que sejam pilares da estrutura.

- A curto prazo darão maior atenção ao desenho da programação dos projetos que já estão a decorrer – festival, residências artísticas e coproduções; atenção à sistematização dos dados étnico-raciais; mas a verdadeira mudança estrutural vai-se sentir mais no próximo ciclo que está a ser desenhado de raiz e que será apresentada na próxima candidatura.

PROPOSTAS DIREÇÃO GERAL DAS ARTES (DGARTES)

Participante:

Américo Rodrigues

Autoanálise:

Evidencia a falta de representatividade negra nas artes assim como diversos casos de racismo em Portugal, desejando alterações profundas no sector e na sociedade, e não recusando nenhuma das medidas propostas por profissionais negres da cultura. Reconhece a ausência de dados étnico-raciais no âmbito do sector artístico, mas afirma que cabe à DGArtes também fornecer informação desta natureza. Admite a falta de recursos humanos e o excesso de trabalho para encontrar estabilidade e momentos adequados de reflexão e pensamento mais profundo sobre as práticas da DGArtes.

Apresentação:

A DGArtes é apenas o organismo que financia as estruturas profissionais das artes em Portugal, não apoia os projetos de amadores. Não tutela as programações dos teatros nacionais e municipais nem outras entidades que apoia financeiramente. Sendo assim, o trabalho de transformação deve ser assumido por todas as partes,, incluindo as entidades apoiadas pela DGArtes que devem alterar alguns comportamentos no sentido de incluir outras pessoas de etnias diferentes na perspetiva de diversidade cultural. Contudo, assume a responsabilidade da DGArtes na execução de uma política de apoio às artes. E uma vez que estamos num momento de transformação, terminado o período de discussão pública do novo apoio às artes, passará à fase de correção das propostas desse novo modelo que entrará em vigor em 2022, uma vez que os decretos ainda não foram aprovados.

Medidas concretas:

- O trabalho de revisão começa agora e dura até ao final do ano e, portanto, podemos introduzir na legislação, e nos avisos de abertura dos concursos para apoios pontuais e sustentados, medidas concretas para o novo ciclo que terá início em 2022 e durará seis anos.
- Nesse sentido, poderemos introduzir a ideia das cotas e preocupação de luta contra o racismo e discriminações raciais, para que possam participar ativamente nessa diversidade de vozes, já que existe uma disponibilidade técnico-política da parte do Ministério da Cultura e da DGArtes.
- Inclusão de critérios que visam uma maior participação de artistas negres.

- Criação de um grupo de trabalho de 3 ou 4 pessoas para que a DGArtes possa convocar para uma reflexão com os técnicos que desenham os avisos de abertura.
- Atenção às artes performativas, mas também às artes visuais.
- Sobre a Década Internacional de Afrodescendentes, importam mais ações que não se juntem apenas no âmbito de uma efeméride ou celebração ou que dependam da sensibilidade de uma ou outra Direção Geral, mas que partam da definição de políticas e estratégias para o futuro para corrigir algo que está mal na sociedade.
- O apoio em parceria é um mecanismo que também pode ser ativado e que parte da junção da DGArtes a outras organizações públicas, privadas ou organismos públicos para desenvolver aspetos pouco desenvolvidos (saúde mental, deficiência, prisões, territórios específicos, etc.), e está em curso uma linha sobre o combate à discriminação racial para o qual o ACM foi convidado, mas que poderá juntar outros parceiros. Esse programa vai abrir no segundo semestre de 2021. Não são os parceiros que usufruem do apoio, mas artistas que tenham projetos na área ou que sejam não-brancos, que sejam profissionais e que se candidatem.
- Sobre as tensões entre amadorismo e profissionalismo, gostaria que a ação da DGArtes pudesse estar para além dos concursos e entidades artísticas profissionais, considerando alguns casos em que faria sentido o apoio a trabalhos sem recursos por não serem conduzidos por profissionais (p.e. nas periferias). Contudo, esse é um trabalho da responsabilidade das Direções Regionais de Cultura, que não existem em Lisboa, mas em outras zonas do país. Ainda assim é importante pensar em cruzar o trabalho de profissionais com o trabalho amador que é muito meritório e sem nenhum apoio.
- Sobre a representatividade negra nos órgãos de poder, essa não está ao seu alcance, mas diz que toda a gente tem a ganhar com isso e devemos lutar por isso publicamente.
- No que diz respeito aos critérios das parcerias e coproduções enquanto medida de autossustentabilidade (que pode estrangular profissionais negres além de pessoas em municípios mais desertificados para o encontro de parceiros financeiros, entre outros casos) fará sentido apoiar as candidaturas mais frágeis à partida e com mais dificuldade em encontrar parceiros financeiros. Isto é algo que devemos introduzir agora nos avisos de abertura

e nos critérios de elegibilidade e de financiamento no sentido de encontrar um equilíbrio.

- Sobre os fatores de majoração para afrodescendentes nos concursos de apoio públicos de 2017 no âmbito da Década, e a não-monitorização ou acompanhamento sobre o desenvolvimento dessas atividades, as comissões de acompanhamento ao produzirem relatórios devem estudar e sistematizar informação que nunca se perde, mas simplesmente não está trabalhada publicamente.

PROPOSTAS CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (CML) - POLO CULTURAL DAS GAIVOTAS - DIVISÃO DE ACÇÃO CULTURAL

Participante:

Mafalda Sebastião

Autoanálise:

Não existem pessoas não-brancas nas equipas referidas. Têm duas estruturas compostas por pessoas não-brancas: Teatro Griot e Pork.

Apresentação:

O Pólo Cultural das Gaivotas é um centro de recursos para a criação artística, distribuídos da forma mais democrática possível – salas de ensaio, escritórios, residências artísticas, dois programas de financiamento e a Loja Lisboa Cultura (LLC). A LLC é um ponto de informação especializado para o sector cultural nacional (e internacionalmente e através da rede On The Move) e presta informação gratuita sobre questões administrativo-legais para o desenvolvimento estruturado da criação artística.

Medidas concretas:

- Apesar da burocracia associada à contratação pública existe sempre a mobilidade interna, de maneira que gostariam muito de ter na equipa a Paula Nascimento, pelo trabalho dela e não como medida de ação afirmativa. A liberdade de contratação é muito fechada, mas abrirão oportunidades sempre que possível e tentarão divulgar de forma mais segmentada. Do ponto de vista legal, considera que esta questão se resolve com o estabelecimento de cotas para a administração pública, mas não está ao seu nível de resolução ou lobby.
- Na LLC têm muita informação sobre apoios e no âmbito do RAAML (Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa) existe um critério de seleção relacionado a populações com menos acesso à atividade cultural. Estão disponíveis para fornecer toda a informação necessária nesse âmbito.
- Sobre a falta de documentação, a LLC tem um protocolo com o SEF e fica à disposição da comunidade artística negra para orientar no processo burocrático e obtenção de títulos de residência e/ou nacionalidade.
- Vão pensar a programação de 2021 orientada para este valor (da representatividade negra) e pensar e pensar o que é que a LLC pode promover para facilitar o acesso às atividades.

DEPARTAMENTO DOS DIREITOS SOCIAIS - DIVISÃO PARA COESÃO E JUVENTUDE

Participante: Ana Magalhães

Apresentação:

No que respeita ao papel do Departamento dos Direitos Sociais (DDS) não existem ações diretas ou específicas em torno deste tema concreto do Fórum, mas de divulgação dos Direitos Humanos, no geral. Contudo, existem três vias de ação que servem de referência:

- 1) Prémio Anual Municipal dos Direitos da Criança e dos Jovens: distingue projetos nas escolas que defendam os direitos humanos, tendo o de 2019 sido atribuído à Escola do Castelo em torno da Discriminação Racial;
- 2) Mês da Juventude teve como tema específico em 2020 o Mês Antirracista, mas as atividades foram canceladas devido à pandemia;
- 3) Apoio a associações de comunidades que podem ter nas suas ações regulares as artes performativas (p.e. Batoto Yetu), mas o foco está em projetos sociais que visam uma origem geográfica muito alargada, e não apenas à população negra.

Estes apoios surgem no contexto do Plano Municipal para a Integração de Migrantes de Lisboa que, além da cultura, opera sobre áreas como a saúde, educação, igualdade de género, direitos LGBTQI+, aprendizagem da língua, entre outras parcelas.

Na área da cultura existem dois momentos de eleição organizados e/ou apoiados pela CML, o Fórum Municipal para a Interculturalidade e a Festa da Diversidade.

Autoanálise:

Existe de facto uma confusão entre estatuto migratório e origem étnico-racial.

Medidas concretas:

Não propôs nenhuma medida concreta no âmbito do tema do Fórum.

ANEXO 1

FORUM CULTURA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS ARTES PERFORMATIVAS - ALGUNS TÓPICOS SUGERIDOS

- Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024)
- Educação, formação, fruição, criação e programação artísticas
- Exercício de funções públicas afetas à DG Artes/Ministério da Cultura, entidades municipais (bibliotecas, teatros, galerias, museus) e espaços culturais públicos e privados
- Circunstâncias territoriais na comunicação e acesso aos concursos públicos e editais culturais: relações centro – periferia; nacionalidade – identidade – cidadania
- Levantamento de dados étnico-raciais pelas instituições
- Estabelecimento de prioridades estratégicas e fatores de majoração com base no recorte racial
- Reforço do trabalho comunitário financiado pelo Estado
- Cedência/Ocupação de espaços municipais para gestão de/por profissionais negres

ANEXO 2 MODELOS PARA POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA

MODELOS PARA ANÁLISE EM PORTUGAL DG Artes / Ministério da Cultura

Década internacional de Afordescendentes:

Prioridade estratégica na apreciação dos projetos no concurso dos Apoios Diretos - Pontual - Criação:

- Criação de oportunidades para a qualificação de artistas e emergência de novos valores no contexto das artes contemporâneas com contributo para a promoção da cidadania, dignidade e qualidade de vida das pessoas de ascendência africana, considerando que, pela Resolução n.º 68/237 de 23 de dezembro de 2013, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a Década Internacional dos Afrodescendentes, com início a 1 de janeiro de 2015 e fim em 31 de dezembro de 2024, com o tema: “Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento”. Mais info [aqui](#).
- Relatório estatístico de 2017, sem nenhuma reflexão sobre os objetivos estratégicos e se são cumpridos ao não. Mais info [aqui](#).

Programa de apoio em parceria:

(pode ser uma oportunidade para a criação de linhas de apoio com recorte racial)

O programa de apoio em parceria constitui uma plataforma de convergência de objetivos e estratégias, integrando áreas de confluência e potenciando ações e resultados de natureza intersectorial ou transversal que se enquadrem nos objetivos do presente diploma. Esta modalidade permite que a área da cultura, através da DGARTES, se associe a outras entidades financiadoras, públicas e privadas, para o lançamento conjunto de outras linhas de apoio.

Mais info [aqui](#).

Exemplo de parceria estabelecida em torno da reinserção social: Mais info [aqui](#)

Plano de Atividades DGArtes 2020 Mais info [aqui](#)

Declaração anual: prazos de candidaturas 2020 Mais info [aqui](#)

MODELOS PARA ANÁLISE NOUTROS CONTEXTOS

[Arts Council England Equality Action Plan Guidance \(UK\)](#)

[The Phillips Collection's Plan for Advancing Racial Equity \(USA\)](#)

[Luciara Ribeiro – Curadores Negros e Indígenas \(Brasil\)](#)

[Guggenheim 2020 Diversity Plan - DIVERSITY, EQUITY, ACCESS, AND INCLUSION \(DEAI\) \(Espanha\)](#)

[Performance Space New York - 02020 Project \(USA\)](#)

Related: <https://www.nytimes.com/2020/03/10/arts/dance/performance-space-new-york-collective.html>

[Kunstcentrum Vooruit \(Gent, Bélgica\)](#)

[A Letter from the Black Curators Forum to Contemporary Art Institutions and Organizations across This Land Called Canada \(Canada\)](#)

INICIATIVAS DE ARTISTAS/INTELECTUAIS

[Performance Presença Negra \(São Paulo, Brasil\)](#)

Fannie Sosa and Tabita Rezaire, A White Institution's Guide
EN / ES <https://blackpowernaps.black>

[Jota Mombaça \(Brasil\), "For an Ontological Strike"](#)

[Sonya Lindfors/UrbanAPA \(Helsínquia\), "Blackness and the Postmodern"](#)

ANEXO 3

ALGUNS DEBATES PÚBLICOS SOBRE O TEMA

[Como se vê negro?](#)

[Conferência 2019: O papel político das organizações culturais](#)

[Musing on Culture – Não Consigo Respirar](#)

[Sean O'Neill, "A Crisis of Whiteness"](#)

ANEXO 4

DADOS RELATIVOS À PRESENÇA DE ARTISTAS NEGRES NO DANÇAS NA CIDADE (1993-2002) E NO ALKANTARA FESTIVAL (2004-2020)

Nota prévia: este é um levantamento informal, carece de revisão e de uma análise mais criteriosa. Neste levantamento considerou-se apenas o “programa central” dos festivais, excluindo-se as apresentações coletivas dos programas da PARTS e do PEPPC/Fórum Dança.

Nas 16 edições dos festivais Danças na Cidade e Alkantara Festival, 5 não tiveram qualquer obra por pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras (Danças na Cidade 1993, 1994, 1995, 1996 e Alkantara Festival 2004). Nas restantes 11 edições apresentaram-se entre 1 a 4 obras criadas por pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras (entre 5% e 22% a cada edição).

Ao todo contabilizam-se 291 obras apresentadas por 194 artistas ou coletivos. Destas, 28 obras (aproximadamente 10%) foram criadas por 15 pessoas negras, ou companhias constituídas por pessoas negras (8%). 3 destas pessoas são Portuguesas e/ou vivem em Portugal atualmente.

António Tavares (Cabo Verde— estudou e ficou a viver em Portugal nos 90s)

- SOBREtudo, Danças na Cidade 1997
- Danças de Câncer, Danças na Cidade 1999

Boyzie Cekwana (África do Sul)

- The Inkomati (dis)cord, Alkantara Festival 2012

Dana Michel (Canadá)

- CUTLASS SPRING, Alkantara Festival 2020 (Cancelado por motivos COVID)

Faustin Linyekula (Congo)

- The Dialogue Series: III. Dinozord, Alkantara Festival 2008
- Le cargo, Alkantara Festival 2014
- Sur les traces de Dinozord, Alkantara Festival 2016
- The Dialogue Series: IV. Moya, Alkantara Festival 2016
- Histoire(s) du Théâtre II, Alkantara Festival 2020 (cancelado por força maior)

George Khumalo (África do Sul)

- Alma Txina, Danças na Cidade 2002 (coprodução Danças na Cidade e Culturarte-Moçambique)

Jeannot Kumbonyeki (Congo)

- Le Kombi, Alkantara Festival 2018 (cancelado por impossibilidade de obter visto)
Luiz de Abreu (Brasil)
- O samba do crioulo doido, Alkantara Festival 2006
Marlene Monteiro Freitas (Cabo Verde/Portugal)
- De Marfim e de Carne-As Estátuas Também Sofrem, Alkantara Festival 2014
- (M)imosa, Alkantara Festival 2012 (de Cecilia Bengolea, François Chaignaud, Marlene Monteiro Freita e Trajal Harrell)
Mpumelelo Paul Grootboom (África do Sul)
- Foreplay, Alkantara Festival 2010
Nadia Beugré (Costa do Marfim/França)
- L'Homme rare, Alkantara Festival 2020
Panaíbra Canda (Moçambique)
- Dentro de mim outra ilha, Alkantara Festival 2006
- The Inkomati (dis)cord, Alkantara Festival 2012
Raiz di Polon (companhia de dança de Cabo Verde)
- Pêtu, Danças na Cidade 1999
- Duas sem três, Danças na Cidade 2002 (de Bety Fernandes e Rosy Temas)
Savion Glover (EUA)
- Bare Soundz, Alkantara Festival 2010
Vânia Doutel Vaz (Portugal)
- Still Dance for Nothing (2020), Alkantara Festival 2020 (de Eszter Salamon, em colaboração com Vânia Doutel Vaz)
Wonderfull's Kova M (companhia de dança da Cova da Moura)
- Íman, Alkantara Festival 2008 (de Filipa Francisco & Wonderfull's Kova M)

Consideraram-se ainda 15 peças com a participação de performers negros/negras.

- Glottis, de Flora Détraz, Alkantara Festival 2020
- Coreografia, de João dos Santos Martins Alkantara Festival 2020
- The Anger! The Fury!, de Sónia Baptista, Alkantara Festival 2020
- Corbeaux, de Bouchra Ouzigen, Alkantara Festival 2018
- Inoah, de Bruno Beltrão, Alkantara Festival 2018
- Kinshasa Electric, de Ula Sickle, Alkantara Festival 2014
- H3, de Bruno Beltrão, Alkantara Festival 2010
- Meu Céu, de Clara Andermatt, Alkantara Festival 2010
- Coisas Maravilhosas, de Tiago Guedes, Alkantara Festival 2008
- Pushed, de Padmini Chettur, Alkantara Festival 2008
- H2, de Bruno Beltrão, Alkantara Festival 2006
- Tragédia Endogonidia BR #04 Briuxelles, de Romeo Castellucci, Alkantara Festival 2006

- VSPRS, de Les Ballets C de la B (Alain Platel e Fabrizio Cassol), Alkantara Festival 2006
- Orquéstica, de Tânia Carvalho, Alkantara Festival 2006

DADOS GLOBAIS		
Número total de obras apresentadas	291	
Performances com autoria de pessoas negras ou companhias constituídas por pessoas negras	28	10%
Número total de artistas e coletivos	194	
Número de artistas ou companhias constituídas por pessoas negras	15	8%
Obras criadas por pessoas negras ou com interpretes	36	12%